

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br



Festecri, que ocorre no Multipalco Eva Sopher, contará com 10 apresentações de peças infantojuvenis, com sessões a partir deste domingo

ACONTECE

Festival de Teatro para Crianças em edição totalmente gratuita

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

A partir deste domingo e até 26 de junho, o Multipalco Eva Sopher recebe a quinta edição do Festecri - Festival de Teatro para Crianças. O evento terá um formato inédito na sua trajetória: pela primeira vez, todas as atividades são gratuitas, permitindo que o público em geral retire seus ingressos na bilheteria uma hora antes de cada sessão, enquanto escolas públicas, ONGs e casas de acolhimento garantem seus lugares por agendamento prévio. Ocupando as salas Simões Lopes Neto e Olga Reverbel, o festival traz uma maratona de 10 apresentações protagonizadas por sete espetáculos gaúchos, todos pensados para dialogar com o público de três a 12 anos de idade, em sessões às 10h e 15h.

A gratuidade total representa um divisor de águas para o projeto. Segundo uma das idealizadoras e diretoras do Festecri, Daniela Lopes, até a quarta edição o festival

operava de forma mista, destinando 70% da plateia para escolas públicas e ONGs de forma gratuita durante os dias de semana e cobrando ingressos populares do público geral, invertendo a dinâmica nos finais de semana (30% de gratuidade e o restante com entradas a preços acessíveis). Após enfrentar um cenário desafiador de captação em 2025 - quando o evento foi viabilizado com recursos próprios e parcerias diretas com os artistas, devido à falta de foco das empresas em projetos para a infância -, o panorama mudou com a inclusão do Festecri no Plano Bianual do Multipalco, sob o patrocínio master da Shell. A verba não apenas zerou o custo dos ingressos, como garantiu transporte para alunos de regiões periféricas, ampliando drasticamente o impacto social do festival, destaca Daniela.

De acordo com a diretora do Festecri, esse esforço de inclusão transforma profundamente a postura de quem chega ao teatro. Ela relata o resultado invisível que o acesso

democratizado gera na autoestima dos pequenos. "Tu vês muita criança entrando com postura esquivada, inseguras, tipo 'esse lugar não é pra mim'. Mas a gente tem um mestre de cerimônias e promove atividades de palhaçaria no foyer do teatro e, quando elas entram, tu vê a mudança no olhar delas. Elas começam a se sentir à vontade naquele espaço". Esse sentimento de acolhimento contagia também a comunidade escolar, observa Daniela. Ela pontua que o agendamento prévio (feito por uma busca ativa em um catálogo de mais de 10 mil contatos de escolas e instituições) acaba arrastando para as salas de espetáculo muitos adultos que nunca haviam pisado em um teatro, desde os professores até as merendeiras.

Essa experiência é o cerne do pensamento da produtora Leticia Vieira, também idealizadora e diretora do Festecri. Para ela, a formação de público extrapola o que acontece no palco. "Mais do que assistir a um espetáculo, chegar a um teatro

ou centro cultural representa para muitas crianças a oportunidade de ocupar espaços que historicamente nem sempre estiveram ao alcance de todos", reflete Leticia. "A formação de plateia não acontece apenas diante da cena, mas também na experiência completa de acesso à cultura: o deslocamento até o equipamento cultural, a descoberta da arquitetura do espaço, o convívio coletivo e o receptivo lúdico."

Com uma engrenagem que mobiliza mais de 100 profissionais nos bastidores, o festival projeta receber entre 8 e 10 mil espectadores em 2026. Como forma de celebrar quem dedica a vida para difundir as artes, abrirá sua edição homenageando a maestrina Cecília Rheingantz, da Orquestra Villa-Lobos da Lomba do Pinheiro, responsável por introduzir milhares de jovens da periferia ao universo musical. A homenagem ocorre no dia da abertura do festival, neste domingo.

A curadoria, segundo Daniela, buscou diversificar a origem

dos grupos, trazendo coletivos da Região Metropolitana e misturando linguagens como circo, música, dança e teatro de bonecos. "O objetivo é oferecer espetáculos profundos que fujam de abordagens infantilizadas e que saibam trabalhar temas complexos, como racismo, isolamento tecnológico e bullying, de forma leve e sem gerar gatilhos nas crianças", explica. Há também uma preocupação técnica minuciosa com a faixa etária de desenvolvimento, superando a barreira genérica da classificação livre. "Temos essa vontade que os artistas pensem sobre seus trabalhos, sobre que público é esse, que fase é essa, pensando na faixa etária, e não na classificação livre. A faixa de seis a oito anos é diferente da de dez a 11 anos", detalha.

Endossando o posicionamento, Leticia Vieira defende que o mercado cultural precisa parar de tratar a infância como um segmento secundário. "As crianças merecem obras criadas com o mesmo rigor estético, profundidade dramática e qualidade artística dedicados a qualquer outro público. Pensar arte para a infância é reconhecer nas crianças sujeitos sensíveis, inteligentes, críticos e capazes de estabelecer relações complexas com o mundo."

Essa sensibilidade curatorial dita o ritmo da programação. A abertura, neste domingo, às 15h, traz *A Menina dos Olhos d'Água*, do Coletivo Gompa, voltada para crianças a partir de dez anos e que aborda, com bonecos e vídeos documentais, o trauma recente das enchentes no Estado. O festival segue na terça-feira, com sessões às 10h e às 15h para *Um Leão na Sala de Aula*, de Gustavo Muller e Evandro Soldatelli, focado nas memórias da infância. Na quarta-feira, às 15h, a peça interativa *MovimentAí - Saia da Sua Bolha* aborda o isolamento das telas digitais e resgata o olho no olho das brincadeiras de rua. Na quinta-feira, o complexo recebe duas produções musicais: *O Maravilhoso Mágico de Oz*, da Cia de Teatro Menino Tambor, e *Os Saltimbancos - Em Busca da Liberdade*, do Grupo Teatral Leva Eu. O encerramento, na sexta-feira, divide-se entre as acrobacias circenses de *O Encantador de Fantasmas*, da Cia do Riso, e a poesia lúdica de *Baile das Letrinhas*, com Deborah Finocchiaro, no Teatro Oficina Olga Reverbel.

Por fim, o festival encara a acessibilidade não como um complemento, mas como um princípio estrutural, oferecendo tradução para Libras e audiodescrição nas sessões das 15h (exceto na peça da Cia do Riso, que terá os recursos às 10h), além de abafadores de ruído e salas de acolhimento sensorial para o público neurodivergente.